

Um ensaio sobre o *Agésilau* de Xenofonte – *discurso de informação, representações e possibilidades interpretativas*

An essay on Xenophon's Agesilaus – *information discourse, representations and interpretative possibilities*

Luis Filipe Bantim de Assumpção¹

PRPPG/UniVassouras (Brasil)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2031-9441>

Recibido: 23-05-2024

Aceptado: 14-06-2024

Resumo

Este texto é um ensaio que analisa as características gerais do Agésilau de Xenofonte, com o intuito de tecer novas possibilidades interpretativas acerca desta obra. Para tanto, discutimos a definição de encômio e épainos, optando por qualificarmos o Agésilau como um louvor, parte integrante do gênero do biográfico. Feito isso, nos empenhamos em conjecturar o arcabouço conceitual de Patrick Charaudeau sobre a Análise do Discurso das Mídias, evidenciando que a representação que Xenofonte constrói de Agésilau II esteve imersa em um “jogo de espelhos” que deformava a realidade, na mesma proporção que a refletia, demarcando que o épainos ao basileús lacedemônio correspondia às denúncias de seu autor aos desvios políticos das póleis, no decorrer do século IV a.C.

Palavras-chave: Xenofonte, Agésilau II, Épainos, período Clássico grego.

¹ (lbantim@yahoo.com.br) Professor Adjunto II dos cursos de Direito e Pedagogia, Coordenador Local de Doutorado em História da Universidade de Vassouras-RJ. Assumpção é especialista na representação da Esparta nos discursos da documentação literária do período Clássico, com ênfase ao gênero historiográfico. O pesquisador também atua na recepção espartana na contemporaneidade, por meio de Histórias em Quadrinhos, filmes, jogos e animações, além de atuar com Ensino de História, Teoria e Metodologia da História e Educação Antirracista. Recentemente, Assumpção publicou a sua tese *Esparta e suas redes políticas no reinado de Agésilau II*, e organizou as seguintes coletâneas *Escrita, teoria e metodologia da História e Histórias em Quadrinhos na perspectiva do ensino*, todos pela Editora da Universidade de Vassouras.

Abstract

This text is an essay that analyzes the general characteristics of Xenophon's *Agésilau*, with the aim of creating new interpretative possibilities about this work. With this objective, we discussed the definition of encomium and *épainos*, opting to qualify *Agésilau* as an eulogy, an integral part of the biographical genre. Having done this, we endeavor to conjecture Patrick Charaudeau's conceptual framework on *Análise do Discurso das Mídias*, demonstrating that the representation that Xenophon constructs of *Agéilaus II* was immersed in a “game of mirrors” that deformed reality, in the same proportion as reflected it, demarcating that the *épainos* to the Lacedaemonian *basileús* corresponded to its author's denunciations of the political deviations of the *póleis*, during the 4th century BC.

Keywords: Xenophon, *Agéilaus II*, *Épainos*, Greek classical period.

1. Introdução

O *encômio* (ἐγκώμιον), ou melhor, o elogio, é reconhecido como uma das matrizes da biografia, enquanto gênero literário². Assim, é comum que o *Agésilau*³ de Xenofonte seja citado como uma das primeiras tentativas autorais de se desenvolver uma exposição biográfica, na Antiguidade. Entretanto, como Friedrich Leo⁴ já havia pontuado, o *Agésilau* seria tanto um encômio, quanto um *épainos* (ἔπαινος), a saber, um louvor. Logo, o nosso texto se insere na lógica biográfica, embora a impossibilidade de definirmos o gênero literário do *Agésilau* esteja relacionada com a inexistência dessa demarcação no período de Xenofonte.

Se tratarmos o *Agésilau* como uma obra dotada de elementos biográficos, existe uma diferença substancial entre o que reconhecemos como biografia, atualmente, e as características da obra que Xenofonte dedicou ao *basileús* *Agéilaus II* da Lacedemônia. Ao discutir sobre os gêneros do biográfico, Durval Muniz Albuquerque Jr.⁵ manifesta que estes – tais como a biografia, a prosopografia e a hagiografia –, na Antiguidade, eram meios de se produzir memórias, pois o seu conteúdo informava sobre as ações de um sujeito, em conformidade à sua formação e a sua natureza, além de contribuir para o desenvolvimento de uma análise histórica.

² Amaral 2010: 1-2.

³ Todas as vezes que o nome *Agésilau* vier em itálico, estamos nos referindo ao escrito de Xenofonte, quando não, estaremos tratando do *basileús* homônimo à obra.

⁴ 1901: 90-92.

⁵ 2019: 106.

Conjeturando Albuquerque Jr.⁶, os gêneros do biográfico – dentre os quais inserimos o *encômio* e o *épainos* – embora mobilizassem o passado e produzissem/difundissem memórias, estavam empenhados com o excepcional, o extraordinário, o único e o grandioso. Assim, Xenofonte teria produzido uma narrativa sobre o *basileús* Agesilau II como um sujeito excepcional, perante os seus contemporâneos, cuja conduta destoava dos demais líderes helênicos e bárbaros. Embora o referido governante tenha sido uma figura emblemática em seu tempo, quiçá uma das mais poderosas e influentes⁷, uma leitura em contraponto do *Agesilau* e das *Helênicas* – ambas da autoria de Xenofonte – demonstrará que a excepcionalidade deste lacedemônio é questionável. Noreen Humble⁸ amplia esta colocação, ao destacar que Xenofonte criou um modelo ético de conduta digno de ser imitado, cuja representação não é completamente ficcional, e nem completamente verdadeira – mesmo que houvesse um *efeito de verdade* em seu discurso.

Todavia, como a maior parte dos pesquisadores de Antiguidade clássica helênica concorda com a classificação do *Agesilau* como um *encômio*, desenvolveremos um ensaio acadêmico para lançar alternativas à esta tendência. A escolha de escrevermos no formato de um ensaio está na percepção de que estamos falando de algo que já possui uma forma, nesse caso o *Agesilau* de Xenofonte como um *encômio*. Daí, partindo das considerações de Durval Albuquerque Jr.⁹, almejamos reconfigurar e reelaborar as experiências literárias, bibliográficas e historiográficas disponíveis sobre esta obra da Antiguidade, para daí pensarmos em como Xenofonte encenou as palavras no *Agesilau* e produziu *discursos de informação*, visando objetivos que nem sempre se mostram evidentes aos seus interlocutores e superam a percepção normativa de um gênero literário. Nesse sentido, adotando o pressuposto ensaísta de Albuquerque Jr., e convergindo Assumpção e Humble¹⁰, problematizamos a categorização do gênero literário do *Agesilau*.

2. O gênero literário do *Agesilau* de Xenofonte

Como pontua Marie-Pierre Noël¹¹, o gênero literário do *Agesilau* pode ser repensado, em função das suas principais características. Segundo a autora, é possível que esta obra se constitua em um *épainos*, ao invés de um *encômio*. Ao citar a *Retórica a Alexandre*, Noël¹² propôs que o elogio, na condição de gênero

⁶ 2019: 106-107.

⁷ Assumpção 2024: *passim*.

⁸ 2020a: 124.

⁹ 2019: 16.

¹⁰ Assumpção 2024; Humble 2020a.

¹¹ 2014: 267-168.

¹² 2014: 254-255.

literário e/ou retórico, pretende tratar dos atos do passado, enquanto o louvor almeja discorrer sobre as virtudes de uma personagem. Em seguida, ao citar a *Retórica* de Aristóteles, Noël¹³ reforça que é a superioridade ética dos atos e da conduta de um sujeito que move o louvor.

No entanto, como adverte Maria das Graças de Moraes Augusto¹⁴, não havia uma clara distinção entre *encômio* e *épainos*, na primeira metade do século IV a.C. A autora expõe que na *República*, Platão se utilizou de ambos os vocábulos de maneira indistinta para designar o louvor, enquanto no *Banquete* (177 a-d)¹⁵, a distinção entre o *encômio* e o *épainos* estaria na forma como estes eram feitos, ou seja, os poetas criavam louvores em verso (*encômio*) e os sofistas faziam em prosa (*épainos*). Em suma, reiteramos que, por não haver uma nítida distinção entre estas palavras, no interior da atividade retórica – tanto falada, quanto escrita –, na primeira metade do século IV a.C., Xenofonte e Platão puderam adota-las com um valor semântico aproximado.

No caso de Xenofonte, no entanto, identificamos que o *Agésilau* segue uma lógica cronológica de sentido¹⁶, na qual, a referência à estirpe do *basileús* seria um marco de seu nascimento e, por extensão, de sua natureza divina (Xen. *Ages.* 1.2)¹⁷; e a conclusão de seu escrito estabeleceria os méritos dos seus feitos, legitimados com a sua morte a serviço de Esparta (Xen. *Ages.* 11.16). Tal perspectiva nos leva a afirmar que o *Agésilau* detém elementos gerais que o torna uma obra de cunho biográfico. Para tanto, Xenofonte fez escolhas, recortes e criou uma *representação* de Agésilau II para que este se tornasse um modelo de governante. Efetivamente, se tentarmos contrapor a imagem deste *basileús* nas *Helênicas* e no *Agésilau*, verificaremos certa discrepância em suas atitudes e no seu caráter. Contudo, recordamos que Xenofonte tinha objetivos distintos com as *informações* em cada um dos seus escritos e, possivelmente, um destinatário ideal para cada obra. Esse cenário tornava fundamental que o autor adaptasse o seu *discurso* e a sua *representação* de mundo, ou de uma pessoa, para alcançar o seu propósito político, social e literário.

Gabriel Cabral Bernardo¹⁸ parece não concordar com essa perspectiva, ao enfatizar que Xenofonte omitiu, intencionalmente, alguns traços da formação de Agésilau II, visando afastá-lo da *paideia* espartana – descrita e denunciada na *Constituição dos Lacedemônios* – e da qual o *basileús* teria feito parte, afinal, ele não era o herdeiro direto ao trono dos Euripôntidas. Segundo Bernardo¹⁹,

¹³ 2014: 257-258.

¹⁴ 2004: 8, n. 4.

¹⁵ A versão utilizada foi a da Loeb, cuja tradução para o inglês coube a C. Emilyn-Jones e W. Preddy (2022).

¹⁶ Bourdieu 2007: 184.

¹⁷ Utilizamos a versão estabelecida pela Loeb e traduzida por E. C. Marchant (1989).

¹⁸ 2021: 91.

¹⁹ 2021: 93.

a educação em Esparta promovia o respeito (*aidós*) pelo medo, e não pela imitação dos bons exemplos da *pólis*, assim:

(...) nas *Helênicas*, fica evidente que Agésilau não era o herdeiro direto ao trono de Arquidamo e que, portanto, provavelmente, passou pela *paideia* espartana. Portanto, se Xenofonte manipulou os fatos no *Agésilau* para sugerir que isso não aconteceu, é possível que ele estivesse, na verdade, tentando descaracterizar Agésilau como um espartano típico, que passou pela educação comum de Esparta. Por outro lado, se Xenofonte não pretendia, no *Agésilau*, dar essa impressão ao distorcer a história da disputa pelo trono, a omissão da educação espartana não é justificada na obra. Nesse caso, essa omissão intencional destaca ainda mais a relutância de Xenofonte em adicioná-la à construção positiva de Agésilau²⁰.

O posicionamento de Bernardo é pertinente e coerente, quando analisamos todo o teor de seu artigo. Todavia, o autor parece discordar, ou resistir à ideia, de que toda obra literária, independentemente do gênero, pressupõe escolhas, manipulações, omissões e distorções. Norren Humble²¹, por exemplo, reconhece a postura de Xenofonte diante de Agésilau II e, ao classificar o *Agésilau* como um *encômio*, declara que a exposição das ações deste *basileús*, através de uma sucessão cronológica, permite que a personagem seja situada em uma linha do tempo progressiva, servindo como um meio de se explicar as virtudes do governante de modo estruturado. Seguindo por essa via, Houliang Lu²² destaca que Xenofonte se utilizou de um exemplo de bases éticas para conduzir a narrativa da obra, fazendo com que o destinatário ideal do *Agésilau* identificasse, e visualizasse, o *basileús* lacedemônio com essas qualidades.

Outro dado que se mostra pertinente é situar que Xenofonte escreveu o *Agésilau* após a morte do *basileús* homônimo, enaltecendo as suas virtudes e demonstrando a sua “contribuição” para a Hélade, em função do seu comportamento exemplar e do seu comprometimento em combater os persas. Como destaca Bruce LaForse²³ o objetivo de Xenofonte com a sua *representação* de Agésilau II não seria “falar a verdade”, e sim elogiar a trajetória política, a vida, o caráter e a carreira desta personagem. Steven Hirsch²⁴ manifesta que essa postura de Xenofonte afastava Agésilau II da condição de um *filobárbaros*, visto que não se opôs à Paz de Antálcidas – que manteve a Ásia Menor sob o controle de Artaxerxes II (Xen. *Hel.* 5.1-30-32)²⁵. Essa perspectiva fez com que

²⁰ Bernardo 2021: 91.

²¹ 2020a: 119; 2020b: 305.

²² 2014: 212.

²³ 2013: 29.

²⁴ 1985: 51.

²⁵ Para este artigo, utilizamos a tradução de C. L. Brownson (1989).

outros autores – como Rosie Harman²⁶, Bruce LaForse²⁷, Luis Filipe Bantim de Assumpção²⁸, entre outros – defendessem que o *Agésilau* foi uma obra de caráter pan-helênico, diante da instabilidade política da Hélade, na primeira metade do século IV a.C. Como Xenofonte foi um autor prolífico, mas, principalmente, preocupado com a importância política, social e prática de seus escritos, diante da elite ateniense e helênica contemporânea, o pan-helenismo de Agésilau II seria um *discurso de informação* utilizado para *representa-lo* como um referencial de liderança, frente a instabilidade que as *póleis* vivenciavam.

Contudo, o pan-helenismo no *Agésilau* de Xenofonte é somente uma alternativa interpretativa, a qual não deve limitar o nosso tratamento deste escrito em particular. Por sua vez, tomamos o *corpus* xenofonteano em conformidade ao contexto histórico de seu autor, o qual se transformou com as circunstâncias e o passar do tempo. Com isso, recordamos que Xenofonte foi mercenário no exército do *káranos* Ciro “o Jovem” (Xen. *Anab.* 3.1.4-6)²⁹; foi líder dos mercenários helênicos em seu retorno à Hélade, após a morte dos seus comandantes a mando de Tissafernes (Xen. *Anab.* 3.1.47); tentou fundar uma *pólis* (Xen. *Anab.* 5.6.15-17); foi discípulo de Sócrates (Xen. *Anab.* 3.1.5-7); ficou sob a autoridade de Esparta (Xen. *Anab.* 5.3.7-13) e enfrentou Atenas na batalha de Coroneia (Xen. *Hel.* 4.3.16; *Anab.* 5.3.6-7; *Ages.* 2.9); foi exilado e recebeu o território de Escilunte, em Elis, onde foi designado como colonizador desta área, por determinação do governo espartano (Xen. *Anab.* 5.3.7). No período em que esteve sob a autoridade de Esparta, Xenofonte teria mantido boas relações com o *basileús* Agésilau II, o que não o impediu de tecer críticas ao governante quando achou pertinente, nas *Helênicas* (3.4.7-8; 3.4.29; 4.3.19; 5.4.24-34).

Assim, ao retomarmos Assumpção³⁰ e Humble³¹, Xenofonte sabia das limitações éticas de Agésilau II, porém, era importante que se edificasse uma representação elogiosa do *basileús*, em função de sua morte, do contexto histórico helênico da primeira metade do século IV e do reconhecimento do auxílio que o ateniense recebera deste governante e de Esparta, durante o seu período de exílio. Considerando que Xenofonte foi levado a se afastar de Atenas, este ficou impossibilitado de exercer qualquer tipo de atuação política efetiva em sua pátria. Embora os seus escritos demonstrem conhecimento político, administrativo, cultural e militar inerentes à tradição aristocrática de sua *pólis*, bem como o aparente interesse de participar da tomada de decisões em Atenas, Xenofonte foi levado a desenvolver tratados, obras historiográficas e outros gêneros literários para corresponder a tal objetivo *poliade*³².

²⁶ 2012.

²⁷ 2013.

²⁸ 2014.

²⁹ Aqui empregamos a tradução de C. L. Brownson (1980).

³⁰ 2024.

³¹ 2020a; 2020b.

³² Humble 2020a; Assumpção 2023: 69-71.

No que concerne ao *Agésilau*, um questionamento se faz necessário, visto que não podemos precisar se Xenofonte escreveu o seu louvor, ou elogio, movido por um anseio pessoal e compromissado em retribuir, com palavras, os benefícios recebidos do *basileús* lacedemônio, ou mesmo se o ateniense e Agésilau II já não haviam combinado uma obra com essas características para edificar uma *representação* singular de seus feitos. De todo modo, tenha sido o *Agésilau* uma obra encomendada ou produzida pelo ímpeto criativo e o compromisso de Xenofonte com os seus amigos, a inexistência de uma definição para um escrito de cunho biográfico nos permite mobilizar o *encômio* e o *épainos* conforme os objetivos de nossas análises. Entretanto, concordamos com a perspectiva de Noël³³ e trataremos o *Agésilau* como um louvor (*épainos*), afinal, os aspectos éticos da conduta do *basileús* lacedemônio eram superiores à valorização dada aos acontecimentos pretéritos. Ainda que Xenofonte mobilize o passado de Agésilau II, o enfoque de suas *informações* era demonstrar como as ações de sua personagem superava àquelas de seus contemporâneos.

3. Entendendo as características gerais do *Agésilau*, a partir da *Análise do Discurso das Mídias*

A nossa concepção contemporânea de mídia está diretamente associada à globalização e aos espaços conquistados pela internet. Mas, mesmo em ambientes digitais e se distanciando da maneira clássica de se promover *informações*, as mídias também se utilizam de linguagens e, dessa forma, edificam discursos para alcançarem os seus objetivos³⁴. Nos dizeres de Patrick Charaudeau³⁵, nos cabe analisar as condições externas que possibilitam a existência de um *discurso*, condicionando as circunstâncias de sua aparição e regularidade.

Adaptando a perspectiva de Charaudeau para o nosso ensaio sobre o *Agésilau*, temos algumas possíveis motivações para o desenvolvimento desta obra. A primeira delas foi a morte de Agésilau II e, somado a isso, o segundo aspecto seria a desestruturação da *pólis* espartana como *hēgemōn* dos helenos com a derrota em Leuctra. A terceira motivação foi o período em que Xenofonte conviveu com os lacedemônios na Ásia Menor, começando com Clearco e culminando com Agésilau II. O quarto fator foi o seu exílio de Atenas e a “recepção” que recebera de Esparta, possivelmente, motivada pelos interesses de Agésilau. Já a quinta motivação foi o período de instabilidade política, militar e social vivenciado pela Hélade, enquanto a sexta foi o envolvimento

³³ 2014: 254-255.

³⁴ Charaudeau 2013: 12.

³⁵ 2013: 15.

do Império Aquemênida com os enfrentamentos entre as *póleis*. A sétima motivação se deu pela incapacidade de Xenofonte em vislumbrar alguém, ou alguma cidade, que pudesse acabar com as contendas entre os helenos. Cada um desses fatores pode ter contribuído para que Xenofonte escrevesse o *Agésilau*, bem como pode haver outros que, nesse momento, não tenhamos vislumbrado.

Partindo do posicionamento de Charaudeau³⁶, vemos que Xenofonte – em sua devida proporção – se comporta como as mídias e a sua produção de *informações*, posto que o *Agésilau* foi construído por meio de um “jogo de espelhos”, refletindo o contexto *poliade* em que foi escrito e sendo refletido por esse espaço. Mesmo que não tenhamos o devido conhecimento de quem era o destinatário/receptor do *Agésilau* de Xenofonte, temos algumas hipóteses construídas e que se adequam à realidade política e *poliade*, do período Clássico.

Como havíamos comentado anteriormente, Xenofonte foi preparado para atuar na *pólis* de Atenas, mas, em função do seu exílio, a sua carreira política não chegou a vigorar como o esperado. Noreen Humble³⁷ defende que Xenofonte atuou como um observador externo e crítico das *póleis* poderosas de seu tempo – como Atenas, Esparta e Tebas. A preocupação de Xenofonte com as cidades helênicas de maior poder manifesta indícios do destinatário ideal de seus escritos, a saber, a aristocracia de seu tempo. Interagindo com Steven Johnstone³⁸ verificamos que Xenofonte compreendia as transformações da Hélade, partindo da lógica ateniense, mas, tomando como experiência as transições político-militares que os helenos viviam, desde o início do século V a.C. Johnstone afirma que o ateniense advertia uma parcela das elites, sobretudo, de Atenas, sobre como as mudanças temporais exigiam novos comportamentos da aristocracia. Por isso, os líderes políticos e os comandantes militares deveriam agir com ética, sabedoria, autocontrole, temperança, entre outras, para conservar a sua preponderância sobre o *dêmos*, em toda e qualquer *pólis*, por meio do esforço físico – que desenvolveria o corpo em sua completude. Portanto, a maneira como um cidadão conduzia a sua vida, principalmente, um cidadão abastado, era um problema de cunho político³⁹.

Nessa perspectiva de transformação vivenciada pela Hélade, Xenofonte edificou narrativas que aproximassem o seu destinatário dos eventos narrados, garantindo que os receptores fossem encorajados a imaginar o desenrolar dos acontecimentos e se identificassem com as personagens descritas⁴⁰. Mesmo que o *corpus* de Xenofonte precise ser lido em sua integridade, para ampliarmos as nossas percepções de sua(s) intencionalidade(s) – as quais se modificaram conforme o contexto –, defendemos que o *Agésilau* esteve alinhado à lógica

³⁶ 2013: 16.

³⁷ 2021: 6.

³⁸ 2010: 137-138.

³⁹ Johnstone, 2010: 138.

⁴⁰ Harman 2023: 9-10.

dos “jogos de espelhos” de Charaudeau⁴¹. Isso porque o *basileús* lacedemônio foi *representado* por Xenofonte como o único sujeito capaz de contribuir para que a Hélade superasse o cenário de crise militar, da primeira metade do século IV a.C. Efetivamente, essa posição se insere no viés historiográfico do pan-helenismo, algo que preferimos substituir por *filohelenismo*. E existe uma diferença qualitativa entre os dois vocábulos?

O primeiro termo está associado a uma perspectiva político-militar, onde caberia aos helenos se unirem contra um inimigo em comum, isto é, as *póleis* mais poderosas deveriam liderar as demais para que dirimissem as suas diferenças de interesses e juntas lutassem contra os persas. Dentre as grandes referências para o conceito de pan-helenismo destacamos Isócrates⁴², no *Panegírico* (4.15-16, 19) e em *Para Filipe* (5.16), cuja percepção se deu por uma via político-militar associada a expansão macedônica. Já a ideia de *filohelenismo* é oriunda de *fileleno*, cuja acepção seria “amigo ou admirador dos helenos”⁴³. Uma vez que o *Agésilau* foi escrito quando o *basileús* lacedemônio já havia falecido, o escrito de Xenofonte se diferencia da postura literária de Isócrates frente a Filipe II da Macedônia. Sendo assim, por mais que Xenofonte tenha pretendido *representar* Agésilau II como um líder pan-helênico, o conhecimento que os helenos de sua época detinham dos feitos deste governante, e comandante, impediam que as suas ações militares fossem tomadas como algo em benefício dos helenos e em oposição aos persas.

Gabriel Cabral Bernardo⁴⁴ já havia tangenciado o tema, fazendo uma comparação entre o discurso de Xenofonte no *Agésilau* e nas *Helênicas*, acerca da expedição militar de Agésilau II à Ásia Menor. Como havíamos citado Hirsch⁴⁵, anteriormente, Agésilau foi caracterizado como um “amigo dos persas”, assim, defendemos que havia a necessidade de uma imagem que o afastasse desse tipo de crítica, de modo que a sua memória fosse conservada como a de um herói. Com isso, se considerarmos que toda *informação* – imersa em um *discurso* – deve lidar com as relações de poder do lugar em que circula, então, a produção e a difusão de uma *representação* de Agésilau II almejavam justificar atos pretéritos do *basileús* sem revelar o seu verdadeiro teor simbólico. Como podemos somente inferir sobre os receptores do *discurso* de Xenofonte, recordamos que o *Agésilau* detinha objetivos literários e políticos específicos.

Charaudeau⁴⁶ destaca que ao considerarmos os efeitos esperados com um *ato de informação* devemos suscitar questões como o impacto que uma *informação* pode causar ao destinatário; a importância de não informarmos

⁴¹ 2013: 16.

⁴² Para as obras de Isócrates citadas, utilizamos as traduções de G. Nolin (1928) e E. Brémond e G. Mathieu (1961).

⁴³ Malhadas; Dezotti; Neves 2010: 208.

⁴⁴ 2021: 104-107.

⁴⁵ 1985.

⁴⁶ 2013: 37.

alguém que já sabe o que temos a dizer; pensar sobre o interesse que o *discurso de informação* pode fomentar; bem como a aptidão do receptor para decodificar a sua mensagem. Efetivamente, considerando tais apontamentos, o *Agésilau* não foi escrito para circular entre os *esparciatas* e lacedemônios, portanto, a propaganda mobilizada por Xenofonte esteve direcionada, principalmente, à elite ateniense, não impedindo que o *Agésilau* tenha sido lido por outros círculos abastados em toda a Hélade.

Adaptando a perspectiva de Patrick Charaudeau⁴⁷ acerca da transmissão de informações pela mídia, verificamos que Xenofonte não esteve interessado em falar sobre um Agésilau II real, e sim uma criação que estivesse adequada aos interesses do seu círculo político. Mesmo que Xenofonte não tenha escrito o *Agésilau* para os cidadãos de Esparta, nada impediria que estes acessassem esta obra para observar o que estava sendo dito sobre o seu governante. Dessa maneira, o compromisso do autor ateniense era tecer um louvor das qualidades de Agésilau II que, ao serem experimentadas em batalha e na tomada de decisões políticas, tiveram algum sucesso – mesmo que uma comparação com as *Helênicas* evidencie o contrário. Entretanto, a *representação do basileús* lacedemônio é aquilo que Charaudeau denominou como um “reflexo deformado do real”.

Ao retomar a metáfora do “jogo de espelhos”, Charaudeau⁴⁸ aponta que a difusão de informações é semelhante aos espelhos deformantes de parques de diversões, e complementa dizendo que: “[...] mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo”. Logo, o Agésilau II presente no louvor de Xenofonte é um fragmento daquilo que foi o governante, cujas virtudes foram amplificadas para corresponder aos objetivos de seus escritos frente ao seu destinatário ideal, de modo que o estereótipo formado deste *basileús* servisse como um paradigma de conduta político-militar em honra de sua *pólis* e dos seus valores ancestrais.

A nossa inclinação junto à *Análise do Discurso das Mídias* se deu pela necessidade de tomarmos uma posição acerca da definição, e das leituras, do *Agésilau* de Xenofonte. Para tanto, definimos a *informação* como um fenômeno humano e social, que depende da linguagem, visando a transmissão de um saber por parte de uma pessoa que o detém, com o auxílio de uma linguagem determinada, a alguém que carece desse saber⁴⁹. No que concerne a Xenofonte, o autor utilizou a linguagem gráfica escrita, na língua helênica ática, para edificar uma obra que louvasse o caráter e as virtudes de Agésilau II, após o falecimento deste. Por sua vez, o fato de Xenofonte ter convivido com o *basileús* durante a sua permanência na Ásia Menor, e ter permanecido

⁴⁷ 2013: 19.

⁴⁸ 2013: 20.

⁴⁹ Charaudeau 2013: 33.

em Esparta – ou em territórios sobre a sua autoridade *poliade* – fez com que tivesse acesso a informações privilegiadas da cultura e das atividades políticas espartanas e lacedemônias, se comparado a maior parte dos helenos do período. Sendo assim, as informações do *Agésilau* se inseria na dinâmica proposta por Charaudeau, afinal, Xenofonte detinha um saber e empregou a escrita em prosa para fornecer o seu conhecimento sobre o governante lacedemônio às pessoas – da elite – que não o tinham.

Considerando as denúncias historiográficas contemporâneas das omissões de Xenofonte sobre Agésilau II, Charaudeau⁵⁰ esclarece que a significação em um *discurso* ocorre por meio de um jogo de dito e não-dito, de explícito e implícito, que não é perceptível a todas as pessoas. Comunicar e informar são escolhas, as quais lidam com os conteúdos interessados a se transmitir, as formas adequadas às normas de falar e à clareza da informação, mas, sobretudo, a escolha de efeitos de sentido esperados para influenciar outro – sendo esta a estratégia discursiva de um informador. O que nos remete a Hayden White⁵¹, cujas colocações acerca do passado prático, nos leva a verificar que as escolhas de Xenofonte estavam imersas em interesses de ordem política, filosófica e ética que, embora implícitos em uma parcela de seus *discursos* no *Agésilau*, manifestam as escolhas do autor por falar de certos temas em uma obra e omiti-los em outra.

Tal colocação nos leva a Louis-André Dorion⁵² que ao analisar os textos socráticos de Xenofonte defendeu que este partilhava dos pressupostos utilitários dos ensinamentos de Sócrates, fazendo com que o *corpus* xenofonteano compartilhasse da lógica de que todas as disciplinas/saberes que almejavam o conhecimento de modo desinteressado eram inúteis. Retomando Charaudeau⁵³, temos que os *discursos de representação* estão atrelados à crença de seus autores, visto que dialogam com o grupo social do qual fazem parte, mobilizando comportamentos e imaginários de referência, para edificar normas ideais de conduta. Assim, partindo da intertextualidade com o seu segmento político-social, o produtor da informação desenvolve parâmetros comportamentais em suas personagens e os qualifica conforme os aspectos éticos (bom ou mau), *estéticos* (belo ou feio), *hedônicos* (agradável ou desagradável) e *pragmáticos* (útil ou inútil, eficaz ou ineficaz). Dito isso, a seleção de conteúdos, o teor como abordou as virtudes de Agésilau II, a omissão de acontecimentos no louvor ao *basileús* pretendiam tornar essa obra útil e eficaz ao destinatário de Xenofonte, boa em seus objetivos éticos, bela e agradável quanto á conduta deste governante lacedemônio.

⁵⁰ 2013: 38.

⁵¹ 2014: 9.

⁵² 2017: 40.

⁵³ 2013: 46.

Defendemos que ao escrever a obra *Agésilau*, Xenofonte se empenhou em apresentar as “verdadeiras” características do *basileús* homônimo criando um *efeito de verdade* em sua *representação*. Tal colocação corrobora Michel Casevitz⁵⁴, ao pontuar que ao iniciar as suas obras com *ἐγώ, μοι δοκεῖ, οἶδα, ἐθαύμασα*, entre outros, Xenofonte (re)afirma o seu “eu” na obra e se coloca na condição de testemunha do que estava descrito em seu *corpus*, mobilizando os leitores a compartilharem de sua perspectiva. Portanto, independentemente do teor e dos objetivos do *Agésilau*, Xenofonte mobilizou instrumentos discursivos para que os seus escritos detivessem o *efeito de verdade* necessário para que a *representação* do *basileús* espartano convencesse a audiência da obra das virtudes do governante, as quais só eram passíveis de serem lembradas. No entanto, tal percepção só foi possível por mobilizar conhecimentos práticos aos receptores de suas informações, justificando o posicionamento do autor no decorrer de todo o *Agésilau*, bem como as nossas escolhas conceituais a partir da *Análise do Discurso das Mídias*.

4. Analisando o *Agésilau* e criando possibilidades interpretativas

Diante do que foi tratado em nosso ensaio até aqui, é importante que nos utilizemos da obra *Agésilau* para propormos outras percepções e interpretações de seu conteúdo. Para tanto, nos interessa pensar Xenofonte, enquanto autor e agente político-social, visto que temos somente hipóteses de quem era o destinatário deste escrito. Por se tratar de um louvor, é evidente que traços negativos da conduta de Agésilau II não seriam expostos, uma vez que o objetivo de Xenofonte era tecer a relação entre as virtudes do *basileús*, a glória de sua *pólis* e o seu exemplo de conduta em prol da pátria até os seus últimos dias. Considerando a *representação* como uma imagem mental que criamos do real, e que é transposta por meio do *discurso* e apontando para um desejo social de produzir normas e revelar sistemas de valores⁵⁵, Xenofonte (*Ages.* 1.1) iniciou o *Agésilau* enfatizando a dificuldade que seria tecer um louvor às virtudes do *basileús* lacedemônio, de modo que este honrasse as suas qualidades. A colocação do autor fomenta um *discurso de informação* interessado em criar uma *representação* que, dentro das limitações do texto, se aproximasse do que Agésilau II realmente foi. Ou melhor, Xenofonte enfatiza que mesmo com muito esforço, a sua descrição dos méritos de Agésilau nunca se equiparariam à realidade, embora esta não fosse uma justificativa para deixar de rememorar a grandeza desse governante.

⁵⁴ 2014: 274.

⁵⁵ Charaudeau 2013: 47.

Em certa medida, a “modéstia” de Xenofonte seria um instrumento para que a sua audiência não esperasse excessos do *basileús* lacedemônio, posto que os esforços do autor – como ele mesmo “reconhece” – serão inadequados para enaltecer a magnitude de Agesilau II. Logo, essa primeira *informação* já estabelece as falhas dos escritos de Xenofonte, tornando todos os elementos do louvor como algo aquém da realidade. De fato, Xenofonte edifica um *efeito de verdade* ao propor esta colocação, onde qualquer excesso poderia ser interpretado como uma falha do autor e não como um erro da personagem do épinos.

Dando prosseguimento à análise da obra, Xenofonte (*Ages.* 1.2) fala da estirpe de Agesilau, a qual provinha de Hércules e, por isso, era semidivina. Somado a isso, o autor reitera que os governantes da Lacedemônia eram *basileús* filhos de *basileús*, isto é, estavam longe de serem tomados como cidadãos ou pessoas comuns. No que concerne a Hércules, Luis Filipe de Assumpção⁵⁶ destaca que este herói foi um dos responsáveis por “civilizar” a existência, criando condições para que as cidades fossem fundadas. Desse modo, era de se esperar que os heráclidas tivessem traços das virtudes de seu ancestral divino, tais como a virilidade e a capacidade de proteger a sua comunidade. Assumpção afirma que ao se relacionar um governante com Hércules, as suas ações seriam de excelência em função de sua matriz divina, e por atuarem como representantes do sagrado entre os homens.

Essa mesma condição divina seria a justificativa para que Agesilau se tornasse governante e eximisse Xenofonte de traçar a sua ancestralidade, em linha cronológica. Nesse sentido, o *efeito de verdade* do *discurso* de Xenofonte fornecia argumentos suficientes para não retomar a disputa pelo trono Euripôntida, entre Agesilau e Leotíquidas, com a morte de Ágis II (*Xen. Hel.* 3.3.1-3). Na ocasião, Agesilau e os seus apoiadores – encabeçados pelo *esparciata* Lisandro, o campeão de Egospótamo⁵⁷ – defenderam que Leotíquidas era o fruto do relacionamento de Timéia com Alcibiades, tornando-o um sujeito comum e, portanto, indigno de obter a realeza lacedemônia⁵⁸. Nas *Helênicas* (3.3.3), Xenofonte destaca que a possibilidade de haver um *basileús* lacedemônio que não tivesse a estirpe heráclida ocasionaria problemas sérios à Esparta. No *Agesilau* (1.5) Xenofonte cita a disputa entre o *basileús* e Leotíquidas, mas, reforça que foi a *pólis* quem decidiu por Agesilau, devido a sua estirpe e a sua virtude. Sendo assim, reiterar a natureza divina de Agesilau II era um meio de Xenofonte levar os receptores de seu *discurso de informação* a perceberem que todo o louvor feito ao governante não era excessivo, uma vez que a condição de heráclida o permitia superar paradigmas políticos, sociais e militares dos homens comuns.

⁵⁶ 2019a: 147.

⁵⁷ Sobre Lisandro, vide Assumpção 2019b; 2024.

⁵⁸ Para maiores informações sobre Timéia, vide Assumpção 2021: 715-718.

Após enaltecer a estirpe de Agesilau II, Xenofonte destaca a importância e a proeminência de sua *pólis*, pontuando que:

E nem mesmo pode-se reprovar a magnitude de sua estirpe, ou que governavam uma *pólis* qualquer. Ao contrário, assim como a sua família é a mais honrada em seu território ancestral, também a sua *pólis* é a mais importante na Hélade; de tal maneira que não são os primeiros entre os de segunda categoria, mas líderes em uma cidade de líderes (Xen. *Ages.* 1.3).

Tal como havíamos comentado anteriormente, nada impedia que os cidadãos de Esparta tivessem acesso aos escritos de Xenofonte, levando-o a criar um louvor que não desagradasse a *pólis* espartana. Quando Agesilau II faleceu, Esparta não detinha a hegemonia entre os helenos e se esforçava por recuperar a sua autoridade sobre a Messênia (Xen. *Ages.* 2.28-31; Plut. *Ages.* 34.1-2, 35.1-3, 40.2)⁵⁹. Por outro lado, caso Xenofonte não fizesse os devidos elogios à Esparta, o seu louvor a Agesilau II ficaria incompleto ou, pior, perderia a sua razão de ser/existir. Se Agesilau fosse um governante de uma cidade qualquer, a magnitude de sua linhagem e de suas ações seriam questionáveis, mas, a condição de *basileús* heráclida em uma das *pólis* mais poderosas do período Clássico edificava uma *representação* com justificativas suficientes para legitimarem a preponderância do governante e o *efeito de verdade* esperado com esta obra. Por isso, Xenofonte (*Ages.* 1.4) se utiliza de seu conhecimento político para destacar a importância de se enaltecer a linhagem e a pátria de Agesilau, visto que o governo espartano não tentou retirar os privilégios dos *basileús* heráclidas e estes nunca tentaram obter mais poder do que deveriam, mantendo o equilíbrio entre as instituições políticas e a longevidade da realeza lacedemônia.

Essa perspectiva reitera que, independentemente da forma de governo, haverá equilíbrio e felicidade (*eudaimonía*) quando os líderes da *pólis* estiverem preocupados com o bem-estar dos cidadãos. Carol Atack⁶⁰ destaca que em Xenofonte, o *basileús* é digno e capaz quando se comporta em conformidade à lei, sendo esta o que diferencia um monarca de um tirano. Neste caso, a *representação* de Agesilau II sempre o manteve alinhado às determinações de sua *pólis* – tal como no seu retorno da Ásia Menor, a mando de Esparta (Xen. *Ages.* 1.36). Todo esse início do *Agesilau* é um exercício discursivo de Xenofonte para garantir que os seus objetivos sejam devidamente apreciados pela sua audiência e a sua mensagem seja decodificada da maneira que se espera, fazendo com que o louvor ao *basileús* lacedemônio corresponda à finalidade de sua elaboração.

⁵⁹ Para Plutarco, utilizamos a tradução de B. Perrin (1955).

⁶⁰ 2020: 100.

O que nos chama a atenção é verificar que Xenofonte criou condições para que as suas *informações* estivessem encadeadas, partindo do motivo do louvor, a estirpe de Agésilau II, a relação da sua linhagem com Esparta, a sua coroação e as suas primeiras ações enquanto *basileús*. A preocupação do autor é fornecer uma lógica de sentido para que os destinatários de sua mensagem pudessem acompanhar a construção literária dessa obra. Com isso, diferentemente das *Helênicas* (3.4.2), no *Agésilau* (1.6-8) o mérito e o ímpeto pela expedição à Ásia Menor foi do *basileús* homônimo, cujo interesse era retribuir aos persas a ofensa que haviam direcionado aos helenos, no século V a.C.

É a partir desse momento que o *discurso* de Xenofonte adquire uma feição pan-helênica, possivelmente, em função do contexto político-militar que a Hélade vivenciava no período da morte de Agésilau. Durante o seu relato da expedição de Agésilau II à Ásia Menor, Xenofonte promove um conjunto de comparações entre as atitudes do *basileús* lacedemônio e Tissafernes, *káranos* que substituiu Ciro “o jovem” como governante das *satrápias* situadas às margens do Mar Egeu. Aqui corroboramos Luis Filipe de Assumpção⁶¹, afinal, a relação de Xenofonte com Tissafernes, durante o período em que atuou como mercenário no exército de Ciro, fez com que o autor ateniense nutrisse todo tipo de aversão para com o *káranos*, uma vez que foi a sua atuação militar que fustigou os mercenários helenos em seu caminho rumo à Hélade. Do mesmo modo, foi Tissafernes o responsável por traír e assassinar os líderes mercenários do exército de Ciro, dentre os quais estava o espartano Clearco e o beócio Próximo, amigo pessoal de Xenofonte (*Anab.* 2.5.31-32).

Efetivamente, a maior parte das virtudes de Agésilau no louvor de Xenofonte foram exemplificadas em função do contraponto com Tissafernes, isto é, o *káranos* persa foi utilizado como *condição externa* para a criação do *discurso* xenofonteano nesta obra. A dicotomia promovida por Xenofonte seria um espetáculo visual interessante, pois, caso houvessem dúvidas acerca das virtudes de Agésilau II, Tissafernes estava ali para legitimá-las – dentre as quais destacamos a piedade do lacedemônio (*Xen. Ages.* 1.10-12), o seu compromisso em honrar os juramentos (*Xen. Ages.* 1.11-12), beneficiar os amigos (*Xen. Ages.* 1.17-19) e se manter preparado para qualquer eventualidade no campo de batalha (*Xen. Ages.* 1.15-16; 6.7). Contudo, mesmo essas características são insuficientes para que o *Agésilau* seja um manifesto pan-helênico.

Como havíamos exposto anteriormente neste ensaio, mesmo no *Agésilau* o *basileús* homônimo não se constituiu em um herói pan-helênico, muito embora pudesse ter sido este o objetivo de Xenofonte. Os feitos de Agésilau II não tiveram nada de excepcionais, ainda que esta obra tenha servido como um meio de minimizar possíveis oposições políticas ao governante lacedemônio em Esparta – diante do processo de ascensão ao trono dos Euripôntidas. A

⁶¹ 2014: 327.

representação de Agesilau como um mordaz opositor ao império Aquemênida teria relações com o sentimento pessoal de repulsa que Xenofonte nutria por uma parcela dos persas de seu tempo, ou mesmo pela relação de amizade que Artaxerxes manteve com os tebanos, após a batalha de Leuctra, a devastação da Lacedemônia e a liberação da Messênia (Xen. *Hel.* 7.1.33-36).

A aversão de Agesilau II aos persas foi uma criação de Xenofonte, afinal, o *basileús* lacedemônio não tinha motivos explícitos para tal. Até mesmo o episódio da aliança entre o Império Aquemênida e os tebanos, liderados por Pelópidas, faria com que Esparta e os seus governantes heráclidas, bem como os seus demais cidadãos e os seus aliados, nutrissem algum tipo de rancor de Tebas. Mesmo essa perspectiva precisa ser ponderada, tendo em vista que a repulsa de Agesilau e da *pólis* de Esparta seria com o grupo político de Pelópidas e não necessariamente com todos os cidadãos de Tebas ou mesmo toda a Beócia. Portanto, a probabilidade de os lacedemônios estarem execrando os persas é uma *condição externa* para a criação de um *discurso de informação* alinhado aos interesses particulares de Xenofonte. Em meados da década de 360 a.C., com o desenrolar de novos conflitos entre os helenos, havia a necessidade de se encontrar uma motivação que os unisse, fator que condicionou homens como Xenofonte e Isócrates a concederem esse papel aos persas.

Se retomarmos o conceito de “jogo de espelhos” de Charaudeau⁶² os persas e Tissafêrnes são o reflexo deformado dos helenos e de Agesilau no louvor escrito por Xenofonte, estando em posições diametralmente opostas em seu *discurso e representação*. Mediante o exposto, o conceito de pan-helenismo só serviria para pensarmos as competições ritualísticas dos grandes jogos disputados pelos helenos ou a expectativa de Xenofonte de retribuir aos “bárbaros” de seu tempo, aquilo que não fora capaz de realizar quando liderou os mercenários de Ciro “o jovem” de sua fuga dos domínios aquemênidas.

Gabriel Cabral Bernardo⁶³ expôs que no *Agesilau*, Xenofonte narrou aproximadamente quatro (4) anos da carreira militar do *basileús* lacedemônio, de um total de quarenta e um (41) anos. Nesse sentido, o que levou o autor ateniense a narrar a expedição de Agesilau II à Ásia Menor, e não outros eventos de grande relevância em sua trajetória político-militar? Partindo das considerações de Bruce LaForse⁶⁴ e Bernardo⁶⁵, se a imagem de Agesilau II estivesse corrompida aos olhares dos helenos, o melhor seria levar ao esquecimento qualquer aproximação do *basileús* lacedemônio e de Esparta junto aos persas. Imersos nessa via, o governo espartano e os seus contingentes militares se utilizaram da Paz de Antálcidas para submeter os helenos, portanto, a criação de um louvor a Agesilau deveria estar atrelada ao afastamento de

⁶² 2013: 16.

⁶³ 2021: 104.

⁶⁴ 2013: 29-30.

⁶⁵ 2021: 104-107.

sua imagem de opositor da Hélade, ou de um *filobarbaros*. Assim, Xenofonte precisava relembrar os feitos de Agesilau e Esparta contra os persas, caracterizando-os como inimigos, para que o seu *discurso de informação* veiculasse ideias recentes de que os esforços lacedemônios eram pontuais e direcionados, e não uma ameaça à liberdade da Hélade.

Como Agesilau II já havia falecido quando da escrita do louvor de Xenofonte, a sua colocação discursiva interpela o receptor de sua obra, acerca de sua posição diante do que se lê. Mesmo que não tenhamos como mapear e mensurar os interlocutores do *Agesilau*, a maneira recorrente como Xenofonte convida os seus destinatários a se envolverem nos relatos de seu *corpus* literário, acaba por torna-los testemunhas quase oculares dos eventos presentes em seu louvor. Logo, ao contrapor as virtudes de Agesilau II – como a justiça, a moderação, a coragem, a sabedoria e a piedade – com as características de Tissafernes – a injustiça, o excesso de prazeres, a covardia, a ignorância e a impiedade⁶⁶ – o autor almejava tornar os seus leitores cúmplices de suas definições sobre o *basileús* lacedemônio. Dialogando com Luis Filipe de Assumpção⁶⁷ notamos que a maior parte das virtudes de Agesilau II no louvor em sua honra, se aproximam daquelas de Sócrates – tido como o único herói verdadeiramente exemplar para Xenofonte.

Aqui, a piedade detém grande relevância no *corpus* de Xenofonte, no qual os seus líderes de maior destaque sempre consultam o sagrado e a vontade dos deuses antes de qualquer atividade importante – tais como Sócrates, Agesilau, Ciro “o grande”, Ciro “o jovem” e o próprio Xenofonte. Como o sagrado integra a tradição helênica, de um modo geral, ter um líder/governante inclinado a respeitar o sagrado e obedecer aos desígnios dos deuses poderia favorecer a identificação dos leitores/receptores de Xenofonte acerca da conduta de Agesilau II. Em vista disso, a perspectiva elitista e abastada deste autor ateniense e socrático tomou o *basileús* lacedemônio como um paradigma de conduta ética para se pensar as necessidades helênicas, no final da primeira metade do século IV a.C.

Nas *Helênicas* (5.2.1; 5.4.1) e na *Constituição dos Lacedemônios* (14)⁶⁸, por exemplo, a falta de compromisso com os deuses levou Esparta à ruína, algo que não poderia ter sido exposto no *Agesilau*, considerando a sua categoria como um louvor. Mesmo Sócrates⁶⁹, tido como o melhor dos cidadãos de Atenas, não se coloca acima dos deuses. Isso nos leva a afirmar

⁶⁶ Aqui apenas criamos a contraposição entre as virtudes de Agesilau II, sem que obrigatoriamente, Xenofonte tenha atribuído essas características a Tissafernes.

⁶⁷ 2021b.

⁶⁸ Para esta obra, utilizamos a tradução de E. C. Marchant (1989).

⁶⁹ Dentre os diversos trechos em que Sócrates enaltece os deuses e o sagrado nas *Memoráveis*, citamos: Xen. *Mem.* 1.1.2-3; 1.1.9; 1.1.18-20; 1.3.1-4; 1.4.19; 4.3.3-5; 4.3.16-18; 4.6.2-4; 4.7.6; 4.8.11. Já na *Apologia* citamos: 10-13; 24-25. Para as *Memoráveis*, utilizamos a tradução de E. C. Marchant (2013) e para a *Apologia*, empregamos a tradução de O. J. Todd (2013).

que Xenofonte também estaria promovendo uma denúncia, não somente contra os lacedemônios, mas, para com todos os sujeitos e *póleis* que tivessem se distanciado do compromisso ancestral de honrar o sagrado. Como o Agesilau II do louvor de Xenofonte é uma *representação* que corresponde aos interesses do autor, a sua conduta junto aos deuses era digna de ser imitada (Xen. *Ages.* 2.17; 3.2; 5.6; 11.1-3), ainda que não tenhamos as mesmas evidências nas *Helênicas*. Outro aspecto ético que podemos acrescentar à conduta piedosa de Agesilau II era o compromisso com a pátria. Como a *pólis* e a sua *politeia* eram ancestrais, desobedece-las seria um ato de impiedade, algo que o Agesilau de Xenofonte não cometeu⁷⁰.

Ao descrever a batalha de Coroneia (394 a.C.), Xenofonte afirmou que Agesilau, mesmo ferido, ao saber do resultado positivo da batalha, honrou a sua palavra quanto à trégua, permitindo que os mortos inimigos fossem recolhidos e erigindo um troféu. Xenofonte destaca que “(...) uma trégua foi estabelecida e Agesilau se retirou para casa, pois preferia mandar e receber ordens em conformidade às leis de sua pátria, ao invés de ser o homem mais poderoso da Ásia [Menor]” (Xen. *Ages.* 2.16). Esse cenário nos leva a afirmar que o *basileús* lacedemônio detinha certa gradação quanto as suas prioridades político-militares, sendo elas os designios dos deuses, o cuidado com a pátria e as suas leis ancestrais, o bem-estar dos seus amigos e companheiros e a segurança da Hélade. Justamente essa preocupação em manter seguro o território ancestral da *pólis*, tornava Agesilau II um paradigma de conduta, haja vista que uma incursão bem-sucedida nas *satrápias* persas geraria fama, redes políticas e fortuna – coisas que não se fizeram presentes em sua *representação* no louvor de Xenofonte.

De certo modo, o Agesilau II *representado* no *discurso de informação* do épainos de Xenofonte estaria em uma posição de destaque junto aos líderes de maior relevância do *corpus* xenofonteano. Temos a hipótese de que, em conformidade ao contexto histórico da morte de Agesilau II e da crise *poliade*, ocasionada pelos anos contínuos de conflito, Xenofonte edificou uma imagem deste *basileús* como um referencial de conduta militar, cujas ações dentro e fora do campo de batalha deveriam ser imitadas, caso os destinatários desta obra almejassem cargos de liderança. Efetivamente, que o verdadeiro Agesilau II era muito distinto da personagem homônima do louvor xenofonteano, porém, o objetivo do ateniense com essa obra era rememorar a conduta e a ética de um líder irrepreensível. Não devemos perder de vista que o *Agesilau* foi um escrito

⁷⁰ Outro dado interessante e que manifesta o interesse pessoal de Xenofonte com o *Agesilau* é verificar que tanto o *basileús* lacedemônio quanto Ciro “o grande”, dois dos seus maiores líderes militares, estiveram empenhados em montar uma cavalaria. Considerando que Xenofonte era um *hippeis*, o mesmo se utilizou de seus escritos para defender a importância desse corpo militar para o sucesso das expedições *poliades*, o que ajudava a afastar a suspeita ateniense do envolvimento dos cavaleiros nos golpes políticos que depuseram a democracia.

imerso no gênero do biográfico, empenhado em garantir a difusão de uma imagem exemplar do *basileús* lacedemônio que, na condição de personagem de Xenofonte, atuou frente aos “maiores inimigos” da Hélade, ou de Xenofonte, a saber, os persas.

Como o relato dos feitos de Agésilau na Ásia serviram de instrumento para se vislumbrar a sua conduta “irreprovável”, durante todo o período que reinou, Xenofonte fez um salto cronológico do período entre a Guerra de Corinto (395-387 a.C.), a Paz de Antálcidas (387 a.C.) e a batalha de Leuctra (371 a.C.), para o final da vida do *basileús* lacedemônio. Isso se deu porque, em sua velhice, Agésilau voltou a combater os persas no Egito, de modo que viesse libertar essa *satrápia* e levantar recursos para recuperar o domínio sobre a Messênia (Xen. *Ages.* 2.25-31). Xenofonte afirma que a presença de Agésilau II no Egito era um meio de retribuir aos egípcios os bons serviços prestados à Esparta, mas, também de causar dano ao Império Aquemênida (Xen. *Ages.* 2.29). Considerando que os heróis do *corpus* xenofonteano morrem em sua *pólis* (Sócrates), na juventude (Ciro “o jovem”), sendo emboscados (Clearco, Próxeno, entre outros) ou se encontram exilados e incapazes de agirem em conformidade aos valores *poliades* ancestrais (o próprio Xenofonte), a *representação* de Agésilau II como um líder empenhado em enriquecer os amigos (*Ages.* 1.17-19), em honrar os deuses (*Ages.* 1.13, 27, 34; 2.15, 17; 11.1-2, 8), em respeitar a pátria (*Ages.* 1.36; 2.25, 31; 4.3; 6.3; 7.1-3); em ser corajoso (*Ages.* 6.1-3, 6), em ser virtuoso (*Ages.* 1.5; 3.1; 9.6; 10.1-2; 11.1, 6-9, 16) seria o reflexo daquilo que Xenofonte gostaria de ser sido, mas que, em função de seu exílio, não se concretizou efetivamente.

5. Considerações parciais

Diante do discutido, evidenciamos que existem inúmeras possibilidades interpretativas para o *Agésilau* de Xenofonte, em função do gênero literário desta obra, do período em que fora elaborada, pelos destinatários ideais possíveis e o lugar de seu autor na Hélade. Todos esses fatores atuam como variáveis e podem impactar na forma como lidamos com as suas colocações acerca de Agésilau II. Saber que a personagem de seu *épainos* também não foi um sujeito qualquer, contribui para que as variáveis interpretativas se tornem mais intensas e instigantes.

De imediato, Xenofonte pretendia difundir uma *representação* de Agésilau II que se distinguísse de uma possível visão hegemônica, posto que este *basileús* atuou recorrentemente nas incursões militares espartanas durante a Guerra de Corinto e na Paz de Antálcidas, tanto em atividades bélicas, quanto políticas, e teria angariado inimigos na mesma proporção em que conseguira poder e

riquezas para si e para Esparta. Temos a hipótese de que essa tentativa de minimizar a imagem negativa de uma parcela dos helenos acerca das ações de Agesilau II tenha partido do próprio *basileús*, o qual se utilizou das habilidades literárias e da dívida de gratidão de Xenofonte para realizar esse objetivo.

Entretanto, pelo que temos de indícios, o projeto foi concluído somente com a sua morte, aspecto que garantia a Xenofonte certa liberdade na *representação* dos feitos de Agesilau II. Recordamos que a situação de Xenofonte se tornou delicada com o exílio de Atenas, portanto, embora estivesse livre para promover um *discurso de informação* sobre Agesilau, o seu lugar na Hélade estabelecia restrições. Mesmo que Esparta tenha deixado de figurar entre as grandes potências militares da Hélade, após a batalha de Leuctra, esta *pólis* ainda contava com recursos suficientes para dar cabo da vida de Xenofonte, caso este dissesse algo desagradável sobre um de seus *basileús*, uma vez que estes *representavam* a relação da cidade com o sagrado.

Nesse caso, defendemos que a maioria das virtudes de Agesilau II era um reflexo do próprio Xenofonte, ou da maneira como este gostaria de ser interpretado pelas suas ações militares – como descritas na *Anábasis*. Ainda nessa perspectiva, a oposição de Agesilau II aos persas foi um desdobramento da antipatia que Xenofonte desenvolveu pelo Império Aquemênida, em particular, por Tissafernes, servindo de mote para que o seu *discurso* destacasse a importância de os helenos pararem de guerrear mutuamente. Daí, considerando a tradição literária e a memória das tensões militares entre as *pólis* e os persas, se utilizar da interdiscursividade fomentava a razão de ser do *Agesilau*. Portanto, ter um líder militar piedoso e virtuoso, comprometido em “ofender” os persas, era um meio de Xenofonte realizar os seus anseios através da *representação* dos feitos heroicos de uma de suas personagens.

Na condição de épainos, o *Agesilau* sistematizou as virtudes do *basileús* Euripôntida, empregando alguns poucos acontecimentos históricos para fornecer visibilidade/materialidade aos receptores dos méritos deste lacedemônio. No entanto, reforçamos que esta não foi uma obra direcionada à Esparta e aos espartanos, por não fazer sentido informar sobre algo que eles já soubessem. Ainda assim, o *Agesilau* seria um “jogo de espelhos”, cujo reflexo denunciaria as limitações helênicas, isto é, o distanciamento dos cidadãos das *pólis* da tradição e das leis ancestrais, além de estarem propensos a abrirem mão de seus valores para garantir o enriquecimento pessoal, levando à ruína de sua cidade.

Fontes

- Isocrate. *Discours*. Tome II: Panégyrique, Plataïque, À Nicoclès, Nicoclès, Evagoras, Archidamos. Trad.: E. Brémond; G. Mathieu. Paris, Les Belles Lettres, 1961.
- Isocrates. *To Demonicus; To Nicocles; Nicocles or the Cyprians; Panegyricus; To Philip; Archidamus*. Trans. G. Norlin. London, William Heinemann Ltd., 1928.
- Plato. *Lysis; Symposium; Phaedrus*. Trans.: C. Emily-Jones; W. Preddy. Cambridge, Harvard University Press, 2022.
- Plutarch. *Lives*. Vol. V – Agesilaus and Pompey; Pelopidas and Marcellus. Trans. B. Perrin. Cambridge, Harvard University Press, 1955.
- Xenophon. *Anabasis*. Books I – VII. Trans.: C. L. Brownson. Cambridge, Harvard University Press, 1980.
- Xenophon. *Hellenica*. Books I – IV. Trans. C. L. Brownson. Cambridge, Harvard University Press, 1989.
- Xenophon. *Hellenica*. Books V – VII. Trans. C. L. Brownson. Cambridge, Harvard University Press, 1989.
- Xenophon. *Scripta Minora*. Trans. E.C. Marchant. Cambridge, Harvard University Press, 1989.
- Xenophon. *Memorabilia; Oeconomicus; Symposium; Apology*. Trans.: E.C. Marchant (Mem.; Oec.) and O. J. Todd (Symp.; Ap.) Cambridge; London, Harvard University Press, 2013.

Referências bibliográficas

- Albuquerque Jr, D. M. 2019: *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo, Intermeios.
- Amaral, A. L. do 2010: “O caderno cibernético de José Saramago: peças soltas de uma autobiografia”, *Revista Crioula*, n.8, 1-10.
- Assumpção, L. F. B. de. 2014: “O discurso de Xenofonte e a representação de Agesilau II, no século IV a.C.”, em Visalli, A. M.; Godoi, P. Wanessa; Pelegrinelli, A. L. Marcondes (Org.). *Anais do X Ciclo de Estudos Antigos e Medievais, da XIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais, da V Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais*, Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 316-330.

- 2019a: “A relação de Esparta e Hércules – discursos, representações e representatividade política”, em Mota, Arlete J.; Campos, C.E. da Costa (Org.). *Sistemas de crenças, mitos e rituais na Antiguidade*, São João de Meriti, RJ, Desalinho, 145-166.
- 2019b: “A representação da *métis* do esparciata Lisandro na Batalha de Egospótamo”, *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n.13,127-142.
- 2021: “Timéia”, em Silva, S. Corsi; Brunhara, R.; Vieira Neto, I. (Org.). *Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História*. Goiânia, Tempestiva, 715-718.
- 2021b: “Os elementos socráticos da *Constituição dos Lacedemônios* de Xenofonte”, *Caliope – Presença Clássica*, n.41, v.1, 46-85.
- 2023: “O passado prático e a utilidade da historiografia em Xenofonte”, *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n.21, 68-85.
- 2024: *Esparta e suas redes políticas no reinado de Agesilau II*, Vassouras, Editora Universidade de Vassouras.
- Atack, C. 2020: *The Discourse of Kingship in Classical Greece*, London, New York, Routledge.
- Augusto, M das G. de M. 2004: “A arte de narrar ou das relações perigosas entre a philosophía e a tékhne”, *Princípios* (UFRN), v. 9, 41-62.
- Bernardo, G. C. 2021: “Como elogiar um rei espartano: distanciando Agesilau de Esparta no encômio de Xenofonte”, *Caliope – Presença Clássica*, v.41, n.1, 86-120.
- Bourdieu, P. 2007: A ilusão biográfica, em Amado, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*, 8ª Ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 183-191.
- Casevitz, M. 2014: “La langue des opuscules (Hiéron, Agésilas, Constitution des Lacédémoniens)”, em Pontier, P. (Dir.). *Xénophon et la Rhétorique*, Paris, PUPS, 269-277.
- Charaudeau, P. 2013: *Discurso das mídias*, Trad.: A. M. S. Corrêa, São Paulo, Contexto.
- Dorion, L.-A. 2017: “Xenophon and Greek Philosophy” em Flower, M. (Ed.). *The Cambridge Companion to Xenophon*, Cambridge, Cambridge University Press, 37-56.
- Harman, R. 2012: “A Spectable of Greekness: Panhellenism and the Visual in Xenophon’s *Agesilaus*”, em Hobden, F.; Tuplin, Ch. (Ed.). *Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry*, Leiden, Boston, Brill, 427-454.
- Harman, R. 2023: *The Politics of Viewing in Xenophon’s Historical Narratives*, London; New York, Bloomsbury Academic, (epub version).
- Hirsch, S. 1985: *The Friendship of the Barbarians: Xenophon and the Persian Empire*, Hanover; London, University Press of New England.

- Humble, N. 2020a: “Xenophon of Athens”, en De Temmerman, K. (Ed.). *The Oxford Handbook of Ancient Biography*, Oxford, Oxford University Press, 111-124.
- 2020b: “True history: Xenophon’s *Agesilaos* and the encomiastic genre”, en Powell, A.; Richer, N. (ed.). *Xenophon and Sparta*, Swansea, The Classical Press of Wales, 291-317.
- 2021: *Xenophon of Athens: A Socratic on Sparta*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Johnstone, S. 2010: “Virtuous Toil, Vicious Work: Xenophon on Aristocratic Style”, en Gray, V. (ed.). *Xenophon*, Oxford, Oxford University Press, 137-166.
- Laforse, B. 2013: “Praising Agesilaus: The Limits of Panhellenic Rhetoric”, *Ancient History Bulletin*, 27, 29-48.
- Leo, F. 1901: *Die Griechisch-Römische Biographie nach ihrer literarischen Form*. Leipzig: Druck und Verlag Von B. G. Teubner.
- Lu, H. 2014: *Xenophon’s Theory of Moral Education*, PhD in Classics, University of Edinburgh.
- Malhadas, D.; Dezotti, M. C. C.; Neves, M. H. de Moura (Coord.) 2010: *Dicionário grego-português (DGP): Vol. 5*, Cotia-SP, Ateliê Editorial.
- Noël, M.-P. 2014: “Εγκώμιον ou ἔπαινος? Définitions et usages de l’éløge dans l’Évagoras d’Isocrate et l’Agésilas de Xénophon”, en Pontier, P. (dir.). *Xénophon et la Rhétorique*, Paris, PUPS, 253-268.
- White, H. 2014: *The Practical Past*, Illinois, Northwestern University Press.

